

**O CONFINAMENTO DA PALAVRA: UMA ANÁLISE EM *UMA DUAS* DE
ELIANE BRUM**

***Eixo Temático 08 - Corpos que Gestam, Maternidade, Assistência à Saúde
Materna e Violência. Narrativas Literárias, Ética e Bioética nos Cuidados
em Saúde; Movimentos Sociais e Relatos de Experiência***

Liliane de Souza Castro ¹
Mairim Linck Piva ²

RESUMO

Compreendemos o conceito de maternidade como um símbolo social que integra o imaginário feminino e que não deve ser observado como algo acabado ou unilateral, como tem sido representado historicamente a partir de arquétipos que afirmam a normatização idealizada de seu significado. Diversos fatores operam na construção dos saberes relacionados a maternidade, inclusive as distintas formas de violência que podem incidir sobre o sujeito mãe. Pretendemos identificar quais representações de maternidade podem ser verificadas na obra *Uma duas* (2018) de Eliane Brum. Para analisar as formas como a violência simbólica e física operam na constituição identitária da personagem identificada como a figura materna utilizamos o conceito de poder simbólico postulado por Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Maternidade; Poder simbólico, Violência.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma discussão a partir do romance *Uma duas* (2018), de Eliane Brum, acerca dos atravessamentos que configuram a maternidade como vivência

1 Mestranda em Letras – História da Literatura na Universidade Federal do Rio Grande, FURG lilicastro.ad@gmail.com;

2 Professor orientador: Doutora em Letras – Teoria da Literatura, Universidade Federal do Rio Grande, FURG mairimpiva@furg.br

distinta daquela que está cristalizada no imaginário social e que tem como base saberes baseados na santidade cristã, como o arquétipo de Maria – Mãe – de – Jesus, por exemplo. O enfoque do trabalho será na análise dos episódios de violência simbólica e física que influenciam a constituição identitária de Maria Lúcia, que é identificada na narrativa de Brum como a figura materna da obra.

A perspectiva teórica está ancorada nos conceitos postulados por Pierre Bourdieu em *O poder simbólico* (1989). Temas como os diferentes tipos de violência contra as mulheres, discurso e questões de gênero englobam a existência da mulher na ficção e estão presentes na literatura brasileira há décadas. Nesse sentido, o estudo de tais aspectos contribui para o aprofundamento da compreensão dos elementos significativos para a configuração dos sistemas literários e contextos sociais dos quais essas temáticas emergem.

Uma duas narra a trajetória de duas mulheres que constituem a relação mãe e filha, em especial a partir do momento em que uma das personagens, Laura, descobre que mãe possui um câncer em estágio terminal. A iminência da morte faz com que ambas adentrem em um processo de reflexão sobre as problemáticas da relação e sobre suas respectivas posições nos acontecimentos que determinaram a realidade em que se encontram. As narrativas sobre o passado das personagens revelam um contexto de violência física, simbólica e psicológica que expressa profundos conflitos identitários em ambas. Ao receber o diagnóstico da doença de Maria Lúcia, Laura passa por um conflito profundo entre a rejeição que sente por aquele ser convalescente e a imagem que precisa performar para se enquadrar nos valores que constituem o imaginário social sobre o papel que a filha deve desempenhar no contexto de adoecimento da mãe e do pai.

Laura enquanto narradora desenvolve a narrativa a partir de seu ponto de vista, construindo determinada imagem de sua mãe, entretanto, a partir do capítulo 15 são inseridos na narrativa relatos escritos por Maria Lúcia em forma de diário. Esses relatos revelam uma série de acontecimentos que contribuem para outra compreensão acerca da formação identitária da personagem. Entre os relatos, ela revela que desde a infância até a adolescência viveu confinada em um apartamento com o pai, que era um militar muito rígido que vivia sob todos os protocolos normatizantes da moral e dos bons costumes. Fora obrigada pelo pai a permanecer em uma espécie de cativeiro assistido, pois era

proibida de sair do apartamento desacompanhada e também não podia ir a escola, pois era ele quem lhe ensinava a ler e escrever. Percebe-se que a personagem foi inserida de maneira bastante precária no sistema de símbolos e significados que moldam as práticas sociais, valores e saberes que possibilitam aos indivíduos o desenvolvimento moral e intelectual.

Além do confinamento físico a que fora submetida, ela também relata que era obrigada a transcrever cartas ditadas pelo pai endereçadas a mulheres com quem se relacionava romanticamente. Ele pedia que escrevesse as cartas porque sua caligrafia de menina era bonita, entretanto à personagem era negado o acesso ao dicionário e ao significado de diversas palavras. Interpretamos esse acontecimento como uma violência simbólica porque permite observar que a personagem sofreu um confinamento intelectual ao ser privada de acessar o complexo sistema discursivo, social e historicamente constituído, materializado no dicionário e que por isso a palavra não tinha poder simbólico para ela. Como afirmado por Bordieu “o poder simbólico é um poder de construção da realidade”.(p.9) portanto, a elaboração dos significados e dos valores socialmente compartilhados na forma de cultura foram se desenvolvendo de uma maneira incompleta na personagem, acarretando diversas limitações existenciais que ela depura na medida em que a sua narrativa sobre os fatos vai sendo construída.

No capítulo 17, Maria Lúcia relata que o pai lhe pediu para escrever a palavra ósculo, que lhe causou muita curiosidade acerca do significado, foi então que ela resolveu desobedecer às ordens que havia recebido e procurar pelo dicionário escondido. A personagem conta que foi em busca do dicionário com muita cautela, pois o pai frequentemente aparecia de surpresa em casa para verificar se ela não estava fazendo algo errado, e que isso lhe causava uma constante sensação de estar sob vigilância. A seguinte passagem da narrativa expressa de forma sintética sua visão sobre a problemática acerca da questão da palavra:

Não havia mais geografia, nem história, nem matemática. Só língua portuguesa, Só língua. Meu pai me ditava cartas cada vez mais longas. E eu não precisava mais do dicionário para saber o que elas significavam. As palavras ardiam em mim. Como é possível alguém que nunca saiu de casa

desacompanhada saber que algo era errado? As palavras queimavam os meus dedos e abriam sulcos pelo meu corpo, pelas minhas pernas, incinerando a pele por onde passavam. E eu fazia xixi de repente desde o dia em que abri o dicionário, minha versão particular da caixa de Pandora. Nunca tive a curiosidade de descobrir se restou a esperança. (BRUM, 2018, p.94)

Compreendemos aqui o dicionário funcionando como um passaporte para o sistema simbólico da língua, pois o acesso ao seu conteúdo possibilitou o início da superação do seu confinamento intelectual.

Diferente do confinamento intelectual, para Maria Lúcia foi mais complexo superar o confinamento físico. Quando o pai morre, ela estava com 22 anos e não havia aprendido a operacionalizar ações práticas da vida cotidiana, como abrir conta em banco, por exemplo. Além disso, relata que sentiu medo de sair de casa e que antes que pudesse superá-lo e se inserir verdadeiramente na sociedade, um homem se apresentou como alternativa à resolução dos problemas que estavam postos sobre a manutenção de sua vida no apartamento. Esse homem era o porteiro do prédio em que morava, alguns anos mais velho que ela e de aparência e personalidade pouco atrativas. A partir da chegada desse homem e daquilo que lhe oferecia (supermercado, acesso à conta bancária, administração das contas do imóvel), Maria Lúcia não soube como resistir ao confinamento físico e entregou-se à situação mantendo-se inerte a ela. Com o passar do tempo, o homem foi tomando espaço maior na vida e na casa da personagem até que após diversos episódios de estupro marital a engravida.

Além do caráter utilitarista que configura a relação entre Maria Lúcia e o porteiro, percebe-se que o cativo simbólico da personagem, materializado no apartamento, se manteve mesmo após a morte de seu pai. A alteração que houve foi na transferência do sujeito que exerceria poder sobre ela, passando do pai para o porteiro na figura de marido. Nesse sentido, é possível afirmar que analisando o contexto dos limites físicos e espaciais, Maria Lúcia sempre esteve confinada, até mesmo após ser deixada pelo marido.

Anos depois, já na maturidade, mesmo frequentando outros espaços além do apartamento Maria Lúcia cultivou como prática o ato de arranhar as unhas na porta do quarto de Laura, na tentativa de invadir seu espaço físico e romper com os limites da

distância existente entre elas. Compreendemos tal prática como uma espécie de confinamento corporal, como sequela dos demais confinamentos sofridos pela personagem ao longo de sua vida, pois o ato de arranhar era uma forma de extravasar sua miséria existencial para o outro, que nesse caso era a filha Laura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tradição neo-kantiana trata os diferentes aspectos da cultura tais como a língua, a arte e os mitos como diferentes sistemas simbólicos. O poder simbólico expresso na forma de violência contribui para a manutenção das opressões dos segmentos privilegiados da sociedade garantindo relações assimétricas de coexistência entre os sujeitos. Todavia, como mostra a História, os grupos oprimidos ao atingir consciência de sua condição têm a possibilidade de reverter essa ordem contanto que hajam condições possíveis para tal. Assim foi com o movimento das sufragistas no fim do século XIX na luta pelo direito ao voto, ou com as lutas dos quilombolas no Brasil pelo acesso à terra e a existência digna no fim do período escravocrata, também com as lutas contra as ditaduras latinoamericanas. Também é possível que o sujeito resista às formas de violência individualmente, para tanto é necessário que a luta por políticas públicas que garantam melhores condições de vida a esses grupos sejam incessantemente reivindicadas.

No contexto de conclusões iniciais que propomos acerca da questão da violência simbólica em *Uma duas*, entendemos que a personagem não consegue superar o confinamento físico mas consegue ter papel ativo na superação do confinamento intelectual, pois ao acessar o dicionário, que opera como um passaporte para o fim de sua restrição ao conteúdo simbólico da palavra, entende o poder que esse sistema exerce na construção do conhecimento acerca de si própria, o que dá a ela a possibilidade de libertação do confinamento intelectual escrevendo a sua própria narrativa sobre os acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que *Uma duas* apresenta estrutura narrativa complexa ao dar visibilidade a diferentes vozes do discurso articulando seus significados a uma totalidade, ainda que eles sejam contraditórios, porque os sujeitos assim o são. Para efeitos de recepção, entende-se a partir dos relatos de Maria Lúcia as motivações que levaram a ocupar a posição desvalorizada na vida de sua filha, exercendo um tipo de maternidade que embora se desencontre com os valores idealizados não deixa de conter em sua síntese elementos que cabem nesse tipo de relação, como amor, cuidado e zelo.

O pensamento contemporâneo atravessado pela tradição positivista que prioriza o binário em detrimento daquilo que é múltiplo promove certo estranhamento quando se depara com uma obra artística que o contrapõe. Nesse sentido, acreditamos haver esse estranhamento ao perceber o “maternar” de Maria Lúcia, que reproduz em sua prática formas de existir e de se relacionar que expressam um sujeito fragmentado por sua própria história e que encontrou a superação do confinamento intelectual a partir do acesso a trama de significados semânticos atribuídos às palavras.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRUM, Eliane. **Uma duas**. - 2.ed. - Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2018.